



HOMEM SIMPLES E BOM: construção da imagem pública de Getúlio Vargas por meio de cartilhas ¹

A SIMPLE GOOD MAN: building the public image of Getulio Vargas through booklets

Miguel Mendes ²

Resumo: O presente trabalho analisa cinco publicações do período político do Estado Novo. Ele é parte de uma pesquisa em andamento sobre o gênero das cartilhas e seu papel na construção social do perfil da cidadania. A análise aponta para os princípios fundamentais da estratégia de comunicação desenvolvida dentro do DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda) para promover a imagem do Presidente Getúlio Vargas, compara a pauta das cartilhas com o ideário político circulante em seu período histórico e tenta determinar o modo como a cidadania é representada dentro daquele projeto nacionalista.

Palavras-Chave: Cartilha. Getulio Vargas. Estado Novo.

Abstract: This paper analyzes five publications from the political period of the Estado Novo. It is part of an ongoing study on the gender of propaganda booklets and their role in the social construction of citizenship profile. The analysis points to the fundamental principles of the communication strategy traced by the DIP (Department of Press and Propaganda) to promote the image of President Getulio Vargas, compares the agenda of the booklets with the current political ideas in their historical period and tries to determinate how the concept of citizenship is represented within that nationalist project.

Keywords: Booklets. Getulio Vargas. Estado Novo.

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho 3 – Comunicação Institucional e Imagem Pública – do VI Congresso da Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação e Política (VI COMPOLÍTICA), na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), de 22 a 24 de abril de 2015.

² Mestrando em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Orientadora: Profa. Dra. Tatiana Siciliano. migmendes@terra.com.br

1. Cartilha, um gênero da comunicação pública

As cartilhas de propaganda e campanhas institucionais constituem um gênero de publicação muito utilizado na construção de imagens públicas, em campanhas políticas, na prestação de contas e na construção do perfil da cidadania. Suas origens provêm da educação religiosa bem como dos panfletos políticos. No nosso país, a edição de cartilhas sobre cidadania e direitos já tem uma história. No entanto, esse gênero de publicação não é muito estudado. Parte da dificuldade é a relativa invisibilidade das cartilhas para os pesquisadores, posto que elas são publicadas sem qualquer regularidade, muitas vezes sua autoria não é mencionada, seu público é mal delimitado, sua circulação não é aferida e raramente são catalogadas em bibliotecas. Sem um número ISBN, dado pela Biblioteca Nacional, essas publicações não podem ser facilmente localizadas.

O objetivo deste trabalho é refletir sobre o papel desse gênero de publicação, a cartilha, na construção da imagem pública de Getúlio Vargas. Vamos nos debruçar sobre algumas dessas publicações: *História de um menino de São Borja* (1939), *Getúlio Vargas, o amigo das crianças* (1940), *Getúlio Vargas para os escolares* (1940), *Getúlio Vargas para Crianças* (1940) e *A Juventude no Estado Novo* (1941).

Trata-se de um recorte de nossa pesquisa em andamento sobre o gênero das cartilhas e o que podem iluminar sobre a construção social do perfil do cidadão brasileiro.

As cartilhas do período Vargas que vamos analisar aqui foram publicadas pelo DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda) ou sob sua influência. Criado em 1939, esse órgão, ligado diretamente ao Presidente Getúlio Vargas e com vastas atribuições estabelecidas por decreto (desde a organização de festas cívicas até a censura à imprensa), fez publicar várias peças de propaganda que podemos categorizar como cartilhas.

Quando categorizamos “cartilha” como um gênero de publicação, precisamos caracterizá-lo em relação a outros tipos homônimos. Não se trata, de maneira alguma, de cartilha no sentido de um livro de apoio à alfabetização, conforme a definição do Dicionário Houaiss: “livro que ensina os primeiros rudimentos de leitura”. Outra acepção da palavra é mais próxima da nossa definição: “padrão de comportamento ou maneira de ser” ou “compêndio elementar ou rudimentos de arte, ciência ou doutrina”, esta última definida no Dicionário Aurélio. Nosso objeto de estudo é esse formato de publicação normalmente ligado à atividade de propaganda e comunicação pública.

Cartilha, aqui, entende-se como uma publicação de formato pequeno, de poucas páginas e de distribuição gratuita, criada com o propósito de educar e informar públicos pouco habituados à leitura sobre assuntos de interesse social. Por isso mesmo, é muito comum apresentarem ilustrações e essas ilustrações costumam seguir a linha dos cartunistas de imprensa. A cartilha, na maioria das vezes, é produzida e distribuída por órgãos do Estado; muitas vezes, por ONGs e também por grandes corporações privadas.

2. Breve história do gênero da cartilha

Etimologicamente, cartilha é o diminutivo de carta (HOUAISS), sentido que se estende à ideia de livreto ou pequeno compêndio. Os precedentes das cartilhas atuais têm raiz num gênero que mescla a alfabetização com a doutrinação cristã.

Historicamente, cartilhas surgem em nossa língua, no século XVI, no contexto da ação contrarreformista portuguesa e da difusão da tipografia. Um dos pilares da empresa da colonização foi a evangelização dos povos “bárbaros” ou “gentios”, com a difusão da cultura e religião portuguesas. Por meio de cartilhas, esses povos podiam conhecer e usar os códigos religiosos e linguísticos da metrópole. Uma cartilha impressa em 1554 é um dos primeiros exemplos: intitula-se *Cartilha em Tamul e Português* e se autodefine como “cartilha que contém brevemente o que todo cristão deve aprender para sua salvação” (MOZDZENSKI, 2006, p.19). Aprendia-se a língua ao mesmo tempo em que se aprendiam as orações de culto.

Este é um lado da linhagem das cartilhas atuais. O outro lado vem dos panfletos políticos. Durante a Reforma Protestante do século XVI começam a ser produzidos panfletos em massa. A propagação das ideias de Lutero era feita na língua comum e não em latim, para ser compreendida por maior número de pessoas. No século XVIII circulam pela França muitos panfletos de agitação política, clamando pela construção de uma nova sociedade, apelando para a emoção e fixando na cultura as palavras liberdade, justiça, nação, pátria e cidadania.

Os inúmeros panfletos revolucionários que difundiam as luzes da Enciclopédia para o homem comum repudiavam a linguagem utilizada pelas classes de prestígio do Antigo Regime – rebuscada, repleta de afetações e tecnicismos desnecessários – adaptando-a através do uso de palavras e construções sintáticas mais próximas da linguagem cotidiana. E mais: foram produzidos cerca de 600 impressos procurando ampliar o debate político para os iletrados, com a imagem formando uma peça-chave para a construção do sentido do panfleto (MOZDZENSKI, 2006, p.29).

Ainda segundo observa Mozdzenski, no século XIX circulam pelo Brasil folhetos políticos ligados aos ideais liberais, como a *Constituição Explicada* e o *Catecismo Constitucional*, com o propósito de educar o cidadão para o jogo político democrático. Nelas já estão presentes várias estratégias de comunicação e persuasão que se exibem nas cartilhas atuais, como o glossário de termos técnicos, a sequência de perguntas e respostas, as narrações ficcionais, os diálogos, as ilustrações e o uso do humor.

Em 1919, o educador Antonio de Sampaio Dória, autor da reforma do ensino de 1920 em São Paulo e defensor da erradicação do analfabetismo como condição primeira do desenvolvimento do País, produziu um livro cujo título sintetiza o ideal de todas as cartilhas: *O que o cidadão deve saber (Manual de instrução cívica)*, uma edição da Liga Nacionalista de São Paulo. Na primeira parte do livro, o autor se preocupa em informar sobre os principais pontos da constituição; na segunda, “o livro adquire um caráter mais doutrinário, argumentativo e prescritivo, no intuito de assentar os princípios que devem reger uma sociedade” (CARVALHO, 2010, p.35).

3. As cartilhas do DIP

Durante o período do Estado Novo, o governo, através de meios de comunicação de massa, conduziu um projeto de construção da identidade nacional brasileira e de investimento na formação cívica do “povo”. Em 1939, Getúlio Vargas decreta a criação do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP). O poderoso órgão, ligado diretamente ao Presidente, recebeu inúmeras tarefas coerentes com esse projeto e que, ao mesmo tempo, colaboravam com a manutenção do regime autoritário: centralizar a propaganda estatal; mediar relações com a imprensa estrangeira; censurar os meios de comunicação, os espetáculos e os eventos esportivos; promover os intelectuais e artistas nacionais; promover manifestações cívicas e festas patrióticas; promover a produção de filmes educativos e organizar os serviços de turismo³. O DIP era também responsável pela edição de folhetos, cartazes, livros e revistas culturais. Publicou folhetos para divulgar a obra do regime, principalmente a legislação trabalhista. Publicou, também, cartilhas destinadas a crianças e jovens, como as que vamos analisar neste trabalho:

1) *História de um menino de São Borja* (1939)⁴

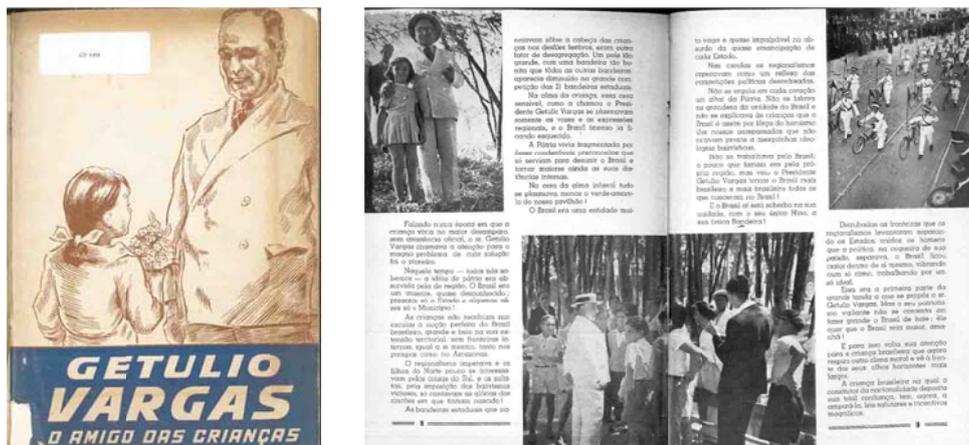


³ Conforme os termos de criação no decreto n.º 5.077 de 29/12/1939, disponível em <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-5077-29-dezembro-1939-345395-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 29/09/2014.

⁴ Arquivo Getúlio Vargas, 92Vargas/O45h, FGV/CPDOC. Este livreto foi publicado pelo Departamento Nacional de Propaganda, antecessor do DIP.

A primeira coisa que se nota na leitura dessa cartilha de 1939 é que ela simula ser um livro infantil, assemelhando-se aos livros de Monteiro Lobato, que vinham sendo sucessos editoriais desde os anos 1920⁵. O autor é identificado apenas como “Tia Olga”, que, no prefácio, diz ter “o costume de contar histórias para os seus sobrinhos Chico-chicote e Rosa-Maria”. Tais histórias, pedidas pelas crianças, seriam “episódios da vida dos grandes homens”. O livreto tem 80 páginas e apresenta 10 ilustrações impressas a duas cores. No texto, a personagem Tia Olga dialoga com as crianças e narra toda a carreira de Getúlio Vargas, desde o nascimento até o estabelecimento do Estado Novo, ressaltando, ao longo de toda a narrativa, as qualidades do Presidente.

2) Getúlio Vargas, o amigo das crianças (1940)⁶



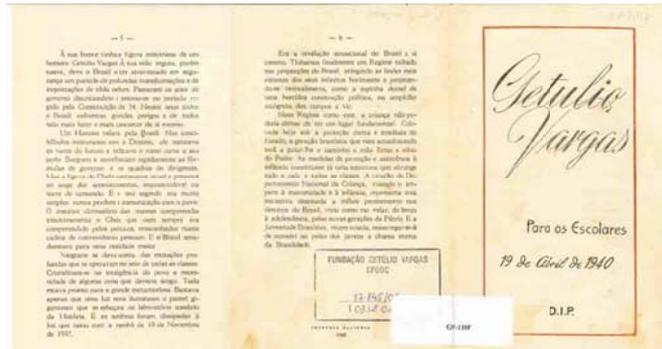
Com 32 páginas, ilustrado por uma profusão de fotografias e diagramado em duas colunas, esta publicação se assemelha a uma reportagem de revista. O autor não está identificado. No texto, ele parte da premissa de que o Presidente Vargas é “amigo das crianças” e, argumentando com a crônica das atividades recentes do governante e com citações de seus discursos, dirige-se a seu hipotético leitor infantil: “continua a estimar o teu grande amigo”, “não falte aos compromissos que assumistes para com ele” e “assim, pagarás o tributo da amizade que te consagra”.

⁵ Monteiro Lobato havia publicado, em 1937, *Os serões de Dona Benta* e também *Histórias de Tia Nastácia*.

⁶ Arquivo Getúlio Vargas, GV 149f, FGV/CPDOC

O texto também se ocupa, em grande parte, com o aplauso à recém-criada organização Juventude Brasileira⁷.

3) Getúlio Vargas para os escolares (1940)⁸



Por ocasião da data de aniversário do presidente, em 19 de abril de 1940 foi publicado um *folder* de seis páginas narrando a carreira de Getúlio Vargas, desde seu nascimento até o estabelecimento do regime do Estado Novo. O autor desse texto também não foi identificado.

4) Getúlio Vargas para Crianças (1940)⁹



Com texto de Fernando Barroso e ilustrações de Fernando Dias da Silva, esta cartilha foi publicada pelo “Grande Consórcio Suplementos Nacionais Ltda” –

⁷ Organização criada por decreto em 2 de março de 1940, baseada no plano (bastante alterado) do Ministro da Justiça Francisco Campos de fundar a “Organização Nacional da Juventude”, a qual visaria arregimentar militarmente os jovens brasileiros, sob direção do Ministério da Justiça, no modelo das organizações fascistas italianas, alemãs e portuguesas desse período.

⁸ Arquivo Getúlio Vargas, GV 110f, FGV/CPDOC

⁹ Arquivo Getúlio Vargas, 92Vargas/B277g, FGV/CPDOC

patrocínio de "Suplemento Juvenil", "Mirim" e "Lobinho" – como um "roteiro para a Juventude Brasileira". Trata-se de um livreto de capa dura, em formato compacto, 14 x 14 cm, com 112 páginas e um projeto gráfico em que todas as páginas pares têm texto e todas as ímpares têm ilustrações a traço. Esse formato gráfico correspondia exatamente ao da "Biblioteca Mirim", série de livretos que apresentava histórias de Flash Gordon, Mandrake, Popeye, Dick Tracy e outros personagens de histórias em quadrinhos¹⁰. A cartilha narra a trajetória política de Getúlio Vargas e expõe argumentos a favor das ações do Presidente, inclusive os golpes de 1930 e 1937. Defende o projeto do Estado Novo como sendo desejo da maioria do povo. Retrata, tanto quanto os outros exemplos descritos aqui, o Presidente como homem "simples e bom", preparadíssimo para a liderança, trabalhador infatigável, sem medo de ameaças, sereno e resoluto, firme e tolerante. Aponta a legislação trabalhista, o desenvolvimento econômico, os planos de Educação e Saúde, além do fortalecimento material das Forças Armadas, como principais benefícios do seu governo. Narra os episódios de crise política sob o ponto de vista da defesa do projeto do "novo" contra o "velho", ou seja, o regime autoritário contra a república pré-1930. Diferente das outras publicações analisadas aqui, neste livreto há representação de outras figuras do regime, além de Vargas: retratos de Oswaldo Aranha, General Góes Monteiro e General Dutra.

5) *A Juventude no Estado Novo (1941)*¹¹

Esta publicação tem conteúdo compatível com a categorização de cartilha cívica, mas trata-se de um conjunto de pranchas de grande formato, ricamente ilustradas e impressas a quatro cores em cartão, em apenas um dos lados do papel, o que sugere que poderia ser desmembrada em cartazes a serem expostos nos prédios escolares. Cada uma das 18 pranchas ou páginas apresenta um trecho extraído de discursos e manifestos proferidos por Vargas e uma grande ilustração

¹⁰ Para mais detalhes sobre os suplementos infantis dos anos 1930 e 1940, ver *Quadrinhos Dourados: a história dos suplementos no Brasil*, por Diamantino da Silva. São Paulo: Ópera Gráfica Editora, 2003.

¹¹ Arquivo Getúlio Vargas, GV 133f, FGV/CPDOC

com motivos cívicos, tais como estudantes, soldados, bandeiras brasileiras e heróis nacionais.



4. Congruências entre as publicações analisadas

Se cruzarmos a leitura dessas cinco publicações poderemos identificar quais conceitos foram elencados para construir a imagem pública de Getúlio Vargas (e, até certo ponto, também do regime do Estado Novo). As diretrizes da comunicação pública desse período ficarão evidentes. Os conceitos encontrados foram:

- 1) Uma das qualidades que Vargas tem, em contraste com os políticos da Velha República, seria a de que ele sempre foi muito mais produtivo, ou seja, *Getúlio Vargas é um trabalhador incansável*.

“– Que homem danado pra trabalhar, hein, Tió?”

– Danado mesmo. É de uma resistência formidável, no trabalho.”
(História de um menino de S.Borja)

“Seu grande segredo estava no trabalho infatigável: Getúlio Vargas jamais abandona a mesa de trabalho para se entregar a prazeres fúteis. Em certas ocasiões, trabalha dezesseis horas por dia, sem demonstrar cansaço, batendo nesse particular, um verdadeiro *record* entre todos os estadistas do planeta”. (G.V. para crianças)

“A tarefa é espinhosa e árdua, mas o sr. Getulio Vargas não é homem que vacile ante a solução dos problemas mais difíceis.” (G.V. amigo das crianças)

- 2) Outra qualidade pessoal que é destacada na biografia de Vargas é que ele era aplicado, muito estudioso. Os colegas se admiravam com sua facilidade com matemática e os professores, com sua eloquência. Assim, *Getulio Vargas é muito preparado.*

“Foi um estudante de mão cheia. Manuseava os compêndios com afinco e lia incessantemente”. (G.V. para os estudantes)

“Enquanto os outros alunos da escola aproveitavam as folgas para passeios e namoros, Getulio ficava no alojamento dando buscas nas tábuas de logaritmos e devorando livros de filosofia”. (História de um menino de S.Borja)

“Os estudos prosseguiram. Alguns meses em Ouro Preto e alguns anos em Porto Alegre fizeram com que o jovem Getulio Vargas adquirisse o cabedal suficiente de conhecimentos para se apresentar a uma escola superior. A mentalidade estava, de certa maneira, inteiramente plasmada. O jovem conhecia a terra e os livros, os homens e a ciência” (G. V. para crianças)

- 3) As cartilhas nos lembram que Vargas, filho de um general gaúcho, tinha vocação militar e se destacou, quando jovem, na carreira do Exército. Além de ser precoce e dedicado, teve um gesto de hombridade no caso de uma convocação devido à Questão do Acre. Em resumo, *Getulio Vargas foi um bom soldado.*

“Mesmo doente, Getulio Vargas apresentou-se ao seu comandante, oferecendo-se para seguir com o batalhão. Marchou até Corumbá, satisfeito de haver cumprido com o seu dever militar no momento em que a Pátria havia precisado de seu serviço”. (G.V. para crianças)

“Na folha de serviços do menino de São Borja figurava mais uma honrosa indicação, um autêntico belo gesto, igualzinho àquele “Beau

Geste” que vocês viram no cinema”. (História de um menino de S.Borja)

“No ano seguinte já era segundo sargento. Embora o regulamento lhe permitisse dormir em casa, preferia não se afastar da caserna, passando as noites sobre a tarimba, leito espartano do soldado”.
(G.V. para os escolares)

- 4) Mais uma vez, em contraste com a imagem que se fazia dos políticos da Velha República, Vargas é celebrado como um governante que exerce o poder não pela mordomia, nem pela honra, mas pelo espírito cívico. Portanto, coloca-se no mesmo nível de qualquer trabalhador, ou seja, *Getulio Vargas é acessível e não tem vaidades.*

“Nunca se conheceu, no Brasil, homem tão desprendido de luxos e comodidades. Casaca e cartola, para ele, não são documentos. Ele viaja pelo Brasil sem se importar com boas camas e banquetes solenes.” (História de um menino de S.Borja)

“Uma feita, um amigo do Presidente, curioso de saber a impressão deixada pelo Chefe da Nação entre a garotada que acabara de palestrar com ele, indagou a um dos garotos se gostava do sr. Getulio Vargas. O menino respondeu com vivacidade:

– Nós gostamos dele porque não tem pose!” (G.V. amigo das crianças)

“ O presidente Getulio Vargas é um homem simples e bom. Em suas viagens ao interior não tem luxos nem faz questão de muitas cerimônias. Gosta de conversar com os operários e de ouvir os desafios dos cantadores nordestinos. Dá presentes aos índios e acaricia as criancinhas.” (G.V. para crianças)

- 5) Muito importante para a propaganda do regime autoritário era estabelecer a imagem de Vargas como um governante acima dos trâmites políticos. Mais do que isso, um líder que entendia como ninguém os desejos do



povo, que tinha, nele, um amigo. Em outras palavras, *através de Getulio Vargas, o povo está em contato direto com o Governo.*

“E o seu segredo era muito simples: nunca perdera a comunicação com o povo.” (G.V. para os escolares)

“Ao instaurar o regime do Estado Novo, o Presidente Getulio Vargas afirmou que haviam acabado os intermediários entre o Governo e o povo. De fato, jamais o Presidente se sentiu tão bem como quando esteve, em suas viagens e excursões, entre as massas populares, recebendo do contato com o povo a mais decidida aprovação a todos os seus atos e a todas as suas atitudes.” (G.V. para crianças)

“Em Petrópolis, já se tornou tradicional o seu passeio depois do almoço, rodeado por crianças. Muitas delas o aguardam, ansiosas, nos lugares que, sabem, o Presidente cruzará, para envolvê-lo em perguntas” (G.V. o amigo das crianças)

- 6) Quando as cartilhas narram as tentativas de derrubar Vargas, a imagem que se faz dele é de um gaúcho valente e, ao mesmo tempo, sereno. Como foram várias ameaças, ele sai com aura de invencível, ou seja, *Getulio Vargas tem fibra, enfrenta todas as ameaças e sempre triunfa.*

“A 11 de maio de 1938, novos elementos de desordem e dissolução quiseram assaltar o Palácio Guanabara, à mão armada, a fim de se apoderarem da pessoa do Presidente. Foram, entretanto, recebidos a bala. O gaúcho de fibra não se atemorizou do assalto e, resistindo, conseguiu vencer.” (G. V. para crianças)

“Na hora do perigo, nunca ficou entre quatro paredes esperando que as coisas se resolvessem. Tomou sempre a iniciativa de se colocar junto aos soldados defensores da lei, para estimulá-los com a sua presença e com a sua energia. (...) Certo da confiança desse povo ordeiro e trabalhador, jamais deixará de reagir à altura dos acontecimentos, porque ele não sabe o que seja o gosto de uma derrota.” (História de um menino de S.Borja)

“À sua frente vinha a figura misteriosa de um homem: Getulio Vargas. À sua mão segura, porém suave, deve o Brasil o ter atravessado em



segurança um período de profundas transformações e de inquietações de toda ordem.” (G.V. para os escolares)

“Não há hesitações no meu espírito. Prefiro ser eliminado, trucidado pela ferocidade humana, a ceder, uma linha sequer, na execução do programa de reconstrução moral e material do Brasil...” (A juventude no Estado Novo)

- 7) Importante, nos anos seguintes ao estabelecimento do Estado Novo, era justificar o regime autoritário. A imagem que se fazia da política era a pior possível, com seguidas acusações de que o parlamento era um desperdício de tempo e de dinheiro, uma atividade que só interessava aos interesses de atores políticos de estatura muito menor do que a de Vargas. A imagem era de que *a política atravancava o desenvolvimento da nação*.

“Nada há de mais nocivo a uma nação que os agitadores políticos. A política continuava a prejudicar as atividades do Presidente. E ele, pouco a pouco, convenceu-se da necessidade de eliminar do colosso brasileiro esse elemento de destruição e desordem, para que todos os brasileiros pudessem trabalhar em paz e sem expectativas de angústia.” (G.V. para crianças)

“Mas o velho espírito decaído dos chamados ‘políticos carcomidos’ não perdia ocasião de prejudicar, em conspirações e agitações públicas, a obra renovadora do Governo Getulio Vargas” (G.V. para crianças)

“Vocês, meninos, ainda não podem calcular o que eram essas câmaras. Vinham homens de todos os cantos do Brasil, muito cheios de prosa e de importância, sentavam-se das duas às seis da tarde nas belas poltronas do Palácio Tiradentes, tiravam boas sonecas (alguns roncavam alto), bebiam copos e mais copos de mate gelado, tinham secretários, comodidades sem conta, restaurante, barbeiro e até automóvel – e ainda embolsavam tranquilamente, no fim do mês, a quantia de 6 contos de réis, o chamado subsídio” (História de um menino de S.Borja)



“Desde que o Brasil se fizera república, essa Senhora Dona tomou conta dos homens do governo. Tudo o que era senador, deputado, fosse o que fosse de importante, era agarrado pela Política. Coitadinho do Brasil!...” (História de um menino de S.Borja)

“A 10 de novembro de 1937, os deputados que chegaram à câmara encontraram a casa de portas fechadas: ali não se ouviriam mais bobagens e bate-papos inúteis a 200 mil réis diários por cabeça” (História de um menino de S.Borja)

“A maternidade, a infância e a própria adolescência eram enteadas do Estado... Com o advento do Estado Novo, entretanto, tudo se apresenta radicalmente diferente.” (G.V. o amigo das crianças)

- 8) Um dos grandes feitos de Vargas foi, segundo essas publicações, dar a legislação trabalhista aos operários, ou seja, *Getulio Vargas protege paternalmente os trabalhadores.*

“Voltou-se igualmente Getulio Vargas para os operários brasileiros, construtores modestos e constantes da nossa grandeza industrial. Aos operários (que ninguém antes havia protegido) Getulio Vargas deu leis de efetiva assistência: leis de férias, leis de pensões e aposentadorias, leis sobre salários e auxílios, previdentes e seguras, cuja aplicação foi diligentemente observada. O operário recebeu de Getulio Vargas os mais paternais cuidados...” (G.V. para crianças)

“Os operários foram reunidos em sindicatos, em grupos para a defesa de seus direitos – e foi criado para tomar conta desses sindicatos e todos os operários o Ministério do Trabalho.” (História de um menino de S.Borja)

“No momento em que se providencia para que todos os trabalhadores brasileiros tenham casa barata, isentando-os dos impostos de transmissão, torna-se necessário, ao mesmo tempo, que, pelo trabalho, se lhes garanta a casa, a subsistência, o vestuário, a educação dos filhos” (A juventude no Estado Novo)

“...considera-o teu amigo porque ele é amigo do teu pai a quem deu, se ele é operário, leis de amparo que lhe garantem a estabilidade no

emprego e uma velhice tranquila pelas caixas de aposentadoria que criou...” (G.V. o amigo das crianças)

- 9) Como a criação da Juventude Brasileira era recente, as cartilhas mostram Vargas como uma pessoa que gosta de crianças e seu governo, diferente dos governos do passado, cuida da infância. *Getulio Vargas zela pelas crianças e jovens para que se tornem o futuro da nação.*

“Num regime como esse, a criança não poderia deixar de ter um lugar fundamental. Colocada hoje sob a proteção direta e imediata do Estado, a geração brasileira que vem amanhecendo terá a guiar-lhe o caminho a mão firme e sábia do Poder”. (G.V. para os escolares)

“Amando acima de tudo as crianças brasileiras, Getulio Vargas cuidou de reunir todos os nossos jovens numa organização que se encontra em pleno desenvolvimento: a Juventude Brasileira.” (G.V. para crianças)

“Repara bem nesta fotografia. Vê o teu grande amigo galgando essa escada grande, carregando nos braços uma criança. O que o flagrante te sugere? Por acaso não vês nele um instantâneo do momento excepcional que está vivendo a Pátria? Não é o Presidente que te ampara, subindo a escada do futuro?”. (G.V. o amigo das crianças)

“Crianças! Aprendendo no lar e nas escolas o culto da Pátria, trareis para a vida prática todas as possibilidades de êxito”. (A juventude no Estado Novo).

- 10) O investimento feito pelo governo Vargas em equipamento militar era obra recente e é assunto em todas as cartilhas. Assim, *Getulio Vargas está atento para as necessidades das Forças Armadas.*

“Getulio Vargas teve sempre como preocupação fundamental o revigoramento crescente de nossas forças armadas. Não poderia ter preocupação mais acertada: o Brasil repousa na força e na eficiência do seu Exército e da sua Marinha.” (G.V. para crianças)

“O soldado do 25º lembrou ao Presidente que o Exército precisava de melhoramentos de todo gênero. E o Exército e a Marinha receberam

meios de ação nova, perfeita e moderna.” (História de um menino de S.Borja)

“Ele prova que é teu amigo aparelhando o Exército, enriquecendo-o com material moderno; construindo navios de guerra com os nossos próprios recursos, arrancando o ferro do ventre das montanhas e indo buscar o petróleo lá no fundo da terra...” (G.V. o amigo das crianças)

A pauta dessas cartilhas não era uma corriqueira estratégia de propaganda gerada dentro do DIP. As ideias que fundamentam os conceitos enumerados acima já eram, há muito tempo, defendidas no debate político e intelectual. Elas formaram o entendimento comum o qual alcançaram as diversas elites – militar, política, econômica, intelectual – que apoiaram Vargas no golpe de 1937 (FAUSTO, 2001, 20-22). A mesma pauta é abordada nos discursos de Vargas em eventos como a mensagem de Ano Novo, o Dia Primeiro de Maio e o Dia 10 de novembro, aniversário do Estado Novo. Algumas das ideias circulantes não venceram o embate dentro do círculo do poder e não chegaram a ser expressas na propaganda oficial. Pelo menos, não nas cartilhas do DIP, nem nos discursos de Vargas.

Segundo estudo de Boris Fausto (2001, p.27-38), o regime autoritário do Estado Novo era defendido por pensadores como o ministro da Justiça Francisco Campos, Alberto Torres, Oliveira Viana e Azevedo Amaral, entre outros. Esses autores eram herdeiros de debates que já aconteciam nas décadas anteriores. Em síntese, dois raciocínios eram seguidos pelos defensores do autoritarismo: primeiro, a falência da democracia representativa liberal era tendência internacional; segundo, a formação particular do Brasil indicava que um regime autoritário nos seria mais adequado.

Todos observavam a ascensão dos totalitarismos na Europa e tentavam estabelecer distinções entre o que acontecia lá e o que se desejava fazer no Brasil. Francisco Campos era grande defensor do estabelecimento da figura do líder para orientar as massas, apelando para a emoção. Além disso, planejava a militarização dos jovens civis. Por sua vez, os militares, como General Góes Monteiro e General Dutra, não viam com bons olhos a mobilização das massas, mas defendiam com

vigor a defesa da unidade nacional e o estabelecimento do Exército como mais importante instrumento do Estado.

Assim nasceu uma ditadura autoritária, considerada por seus líderes como o regime mais adequado às características do país, e não apenas como um expediente ditado pelas circunstâncias. Isso não obstante o fato de que, no discurso político e nas formulações intelectuais, o autoritarismo fosse apresentado como a verdadeira democracia, liberta da parafernália de partidos e eleições, típica dos regimes liberais. (FAUSTO, 2001, p. 22)

A orientação de personalizar o Estado através da “figura carismática” de Vargas e a defesa do Estado Novo como solução natural para o País – e desejo do povo – são elementos claramente presentes nos textos das cartilhas. A crítica à política liberal, também¹². A conclamação ao patriotismo e a inspiração nos ideais militares estão lá.

No entanto, outros elementos ideológicos que circulavam no período não aparecem no conteúdo dessas cartilhas. Questões raciais, por exemplo. Havia, entre os pensadores que apoiavam o regime autoritário, desde aqueles que lamentavam a composição étnica da população e planejavam o progressivo “branqueamento” do povo, até aqueles que defendiam a superioridade dos mestiços em relação aos portugueses e a opção preferencial pelo trabalhador autóctone em detrimento dos imigrantes (FAUSTO, 2001, p. 38-39).

Também está ausente das cartilhas a valorização da religião católica. Embora todos esses pensadores fossem conservadores em questões de moral, embora Getúlio Vargas tenha estrategicamente se aproximado da Igreja Católica no início de seu governo e que Francisco Campos defendesse o ensino religioso católico em seus grandes planos para a Organização da Juventude Brasileira, a orientação laica do Estado prevaleceu (BOMENY, 1999, p. 148-149).

¹² A crítica à política chega ao ponto de, em *História de um menino de São Borja*, o autor desenvolve uma extensa alegoria em que “Dona Política, coberta de ouro e prata”, uma velha representada com bruxa na ilustração, tenta seguidamente frustrar os planos de Vargas. Ele repetidamente aplica-lhe valentes golpes e, quando a política, finalmente, morre, ninguém chora por ela e nem os vermes a querem consumir.

É bastante presente na comunicação pública de Vargas a ideia de que os trabalhadores devem a ele as leis trabalhistas. O tratamento do assunto evita, no entanto, aproximar-se do debate que tinha havido entre correntes políticas do período, entre as quais havia comunistas – a favor da organização dos trabalhadores para tomar o poder – e corporativistas – que pleiteavam a representação política das categorias profissionais (FAUSTO, 2001, p. 58). A Assembleia Constituinte de 1933, foi formada, em parte, por deputados classistas, é bom lembrar.

Outras pautas abordadas nas cartilhas podem ser encaradas como itens de “prestações de contas”, quando, por exemplo, se diz o que o regime está fazendo ou planeja fazer pelo desenvolvimento do País em cada uma das áreas de governo: criação do Departamento Nacional da Criança, obras de transporte, desenvolvimento da aviação comercial, integração diplomática com os países vizinhos, criação de concursos para contratação de funcionários públicos, investimento em siderurgia, etc.

Em apenas uma das cartilhas faz-se referência ao projeto de “marcha para o Oeste”, um esforço de “desbravamento” do interior do Brasil, que tinha também fundamentos ideológicos ligados aos intelectuais modernistas, segundo Angela de Castro Gomes:

Modernizar o Brasil era, em síntese, conquistar o seu território e organizar o seu povo, entendendo-se que tais "missões" implicavam um trabalho simultâneo, no espaço e no tempo, pois a integração do território significava fazer avançar o povo em séculos, retirando-o de um passado verdadeiramente colonial, para lançá-lo no futuro do mundo urbano-industrial... (GOMES, 2013, p. 42)

5. A representação da cidadania nas cartilhas do Estado Novo

Até aqui vimos qual a pauta das cartilhas do Estado Novo, qual a estratégia para cultivar a imagem do líder Getúlio Vargas e qual o fundamento ideológico dessa pauta. Falta ver como essas cartilhas ajudam a entender o processo da construção do perfil da cidadania no Brasil.

Uma cartilha, por definição, é uma publicação destinada à persuasão do leitor e, como tal, faz parte do processo contínuo de disciplinamento e construção de sujeitos, conforme foi apontado por Foucault (1987 [1975]). De que modo os responsáveis pelas cartilhas do Estado Novo encaravam seu público? Como estavam contribuindo para a construção social do cidadão a que elas se dirigiam?

A cidadania, no modelo democrático em que vivemos hoje, não é reconhecida nessas publicações. Em nenhum momento usa-se o termo cidadão para se referir aos beneficiados pelos avanços da Revolução de 1930. Usa-se apenas a generalização do termo “povo”, ou os termos “trabalhadores” e “operários”.

Um dos benefícios “ao povo” alegadamente feitos pelos revolucionários de 1930 foi o resgate do valor do voto, com a criação da Justiça Eleitoral e a moralização do sufrágio. O direito de voto foi estendido às mulheres em 1932 e a Constituição de 1934, posteriormente, estabeleceu a normalidade democrática. No entanto, os direitos políticos foram totalmente desvalorizados na sequência das ações, com o estabelecimento da ditadura.

Segundo José Murilo de Carvalho (2003, p. 9), se é possível dividir a cidadania em direitos civis, políticos e sociais, veremos que, no Brasil, inverteu-se a ordem histórica com que esses direitos foram sendo conquistados, por exemplo, na Inglaterra. Aqui, direitos sociais, ou seja, direitos à participação na geração de riqueza, à educação, à saúde e à seguridade social, foram obtidos primeiro, no período Vargas, em detrimento mesmo dos direitos políticos, que só passam a ser exercidos por grande parte da população a partir de 1945. Os direitos civis demoraram ainda mais para se consolidar, após a Constituição de 1988, e continuam precários, dependendo da origem do cidadão.

A ênfase nos direitos sociais encontrava terreno fértil na cultura política da população, sobretudo da população pobre dos centros urbanos. (...) Era um avanço na cidadania, na medida em que trazia as massas para a política. Mas, em contrapartida, colocava os cidadãos em posição de dependência perante os líderes, aos quais votavam lealdade pessoal pelos benefícios que eles de fato ou supostamente lhes tinham distribuído. (CARVALHO, 2003, p. 126)

Nas cartilhas estudadas aqui, os termos são colocados de forma a se acreditar que preexiste um ser que é “o Brasil” e que o regime está trabalhando pelo bem desse ser, com a colaboração do povo que se engaja, convocado e inspirado pelo líder, num esforço de trabalho organizado e disciplinado. Para que isso seja possível, o Governo concede ao povo a paz e a melhoria das condições de vida. Não se coloca o cidadão em primeiro lugar, mas sim a “Nação”. O progresso é sempre da Nação, não dos cidadãos, como se infere destes trechos:

“No próprio dia 10 de novembro o povo ouviu a palavra do Presidente através do microfone e, de Norte a Sul, todo o Brasil não teve senão uma exclamação de júbilo e de regozijo: o Brasil entrava em novos caminhos de segurança e trabalho.” (G.V. para crianças)

“Prestigiemos todos os seus passos e todos os seus gestos, porque, com Getulio Vargas, o Brasil será unido e será forte e marchará, na senda da ordem e do progresso, para a conquista dos seus gloriosos destinos!” (G.V. para crianças)

“Exijo de todos vós o que impus a mim mesmo e que é, para os militares, um postulado do seu dever: o compromisso do devotamento de cada dia, de cada hora, de cada minuto, sem temer as consequências e sem vacilar diante dos resultados, o compromisso do devotamento contínuo e permanente pela prosperidade e pela grandeza do Brasil”. (A juventude no Estado Novo)

“Não se cogitará apenas de alfabetizar o maior número possível, mas também de difundir princípios uniformes de disciplina cívica e moral, de sorte a transformar a escola primária em fator eficiente da formação do caráter das novas gerações, imprimindo-lhe lumes de nacionalismo sadio.” (A juventude no Estado Novo)

“A grande virtude nacional neste momento histórico deve ser uma virtude militar – a disciplina; as circunstâncias impõem à nossa conduta o atributo dos povos fortes – a tenacidade. A Nação, disciplinada e tenaz há de realizar os seus altos objetivos de progresso...” (A juventude no Estado Novo)



A julgar pelas mensagens das cartilhas do DIP, os jovens leitores a que essas publicações se destinaram deveriam respeitar Getúlio Vargas como a um pai e venerar a Nação mais do que a qualquer outra coisa. Gerações de brasileiros cresceram no ambiente que veiculava e repercutia essas mensagens e mesmo aqueles que não as endossaram não puderam deixar de responder a elas.

O estudo das cartilhas de comunicação que possuem cunho político pretende apreender como ocorrem três processos relacionados com a atividade das instituições públicas.

O primeiro processo é o planejamento da estratégia para promover a imagem pública positiva do governante. Pudemos ver que existe uma estratégia de comunicação que ancora a produção de diferentes peças de propaganda, e que ela pode ser resumida em um pequeno número de afirmações positivas sobre a figura do governante, tanto pessoais quanto políticas.

O segundo processo é aquele que sintetiza os princípios políticos e culturais associados aos grupos que apoiam o Governo, reproduzindo, por meio da comunicação pública, apenas os princípios prevalentes. As ideias controversas ou que perdem a luta política interna ficam de fora da pauta de comunicação.

O terceiro processo é a construção do sujeito político, ou seja, o cidadão. O gênero da cartilha é, fundamentalmente, instrumento dos projetos de educação infantil e de transformação do comportamento dos supostos leitores. Assim, mesmo que não tenham alcance tão amplo como outros meios de comunicação de massa, as cartilhas produzidas pela comunicação oficial indicam qual comportamento o governo deseja ou espera que o cidadão apresente, no seu próprio tempo e, principalmente, no futuro – mesmo que esse não seja um objetivo consciente.

Em relação ao período do Estado Novo, esses processos foram apreendidos. Assim, esperamos que esta análise tenha cumprido nossa proposta e contribuído para os estudos sobre comunicação política.



Referências

- BOMENY, Helena M. B. Três decretos e um ministério: a propósito da educação no Estado Novo. In: **Repensando o Estado Novo**. Organização Dulce Pandolfi. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1999.
- CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil: o longo caminho**. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- CARVALHO, M. M. C. **Sampaio Dória**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.
- FAUSTO, Boris. **O pensamento nacionalista autoritário: (1920-1940)**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Rio de Janeiro: Vozes, 1987.
- GOMES, Angela de Castro. População e Sociedade. In: **História do Brasil Nação, v. 4, Olhando para dentro: 1930 - 1964**. Coordenação: Angela de Castro Gomes. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.
- MOZDZENSKI, L. P. **A cartilha jurídica: aspectos sócio-históricos, discursivos e multimodais**. Dissertação de Mestrado. PPG em Letras e Linguística da UFPE, Recife, 2006.